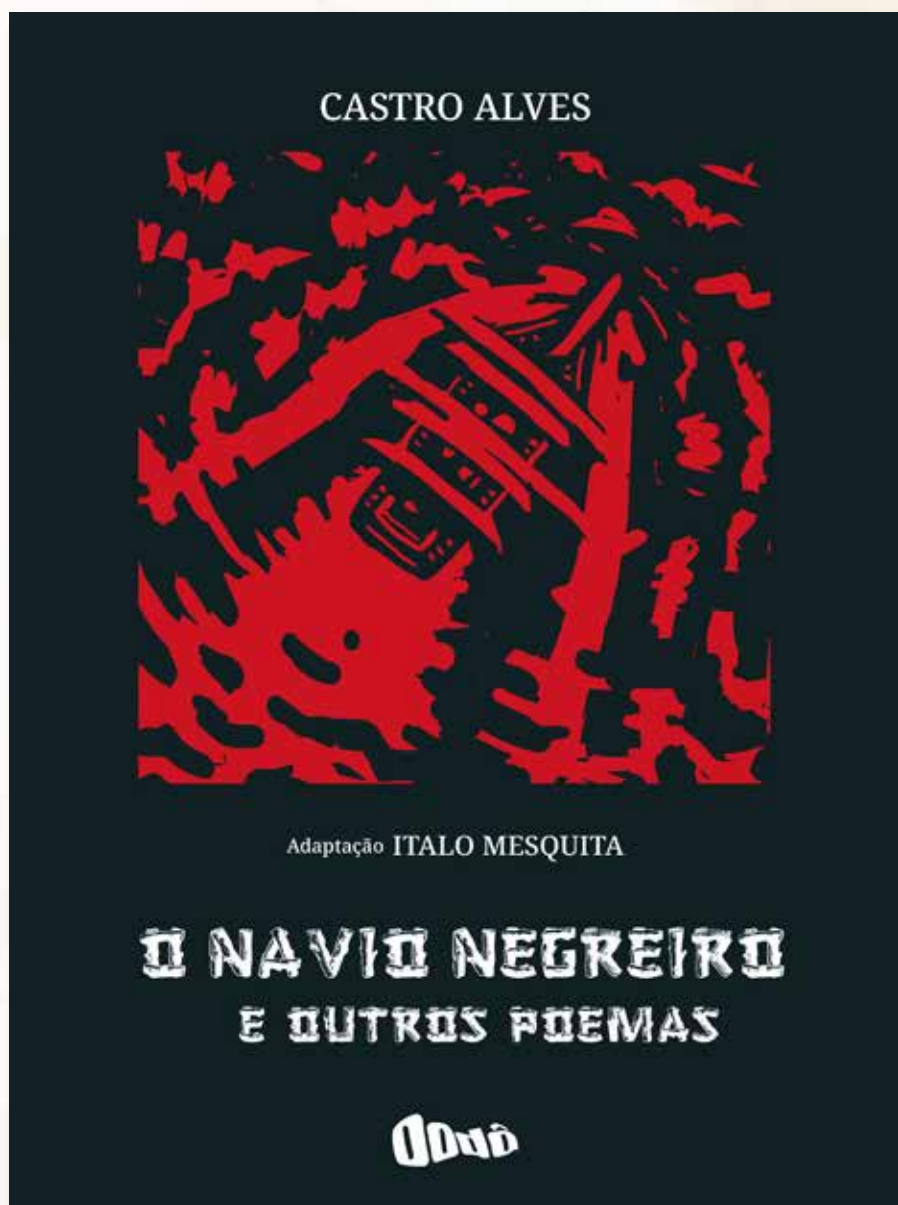


**CADERNO DE SUGESTÕES PARA O(A)
EDUCADOR(A) MEDIADOR(A)**



MATERIAL ELABORADO POR
FERNANDA EMEDIATO

1. Carta ao(à) educador(a) Mediador(a)

Prezado educador mediador, prezada educadora mediadora,

Este caderno de sugestões não tem a pretensão de ser uma receita de bolo, tampouco de dirigir seu olhar e suas maneiras de abordar e mediar a leitura do livro *O navio negreiro e outros poemas*, do poeta Castro Alves. O que você vai encontrar aqui são apenas contribuições – algumas reflexões e ideias que poderá aproveitar, adaptar ou reformular, de acordo com seu plano de trabalho, sua experiência e sensibilidade.

O objetivo aqui é somar forças e prestar apoio à sua capacidade de conduzir o processo formativo de jovens e adultos. Este material tem a intenção de auxiliar você com ideias e repertório para que possa criar e desenvolver atividades e maneiras de abordar essa leitura, fomentando o senso crítico, criativo e interdisciplinar junto aos seus educandos(as). Em resumo, trata-se de um material de apoio pedagógico para expandir o seu leque de possibilidades de trabalho com o livro.

Esse livro pertence ao gênero poesia e foi escrito por Castro Alves, um dos maiores poetas do Romantismo brasileiro. Com ele, você poderá dar continuidade a um trabalho que, muito provavelmente, já desenvolve: fomentar o gosto de seus alunos ou de seus leitores pela poesia, um gênero que muitos acham difícil, mas que, na verdade, sempre foi muito popular. Há quem adore escrever poesia para desabafar e colocar para fora o que está sentindo ou para falar de amor, de tristeza, de saudade ou de alegria. Isso significa que a poesia está presente entre as pessoas muito mais do que a gente pensa. Por isso, esse livro, se bem trabalhado, pode fazer muito sucesso com seus leitores.

Apesar de se tratar de poemas escritos no século XIX, em linguagem bem diferente da que usamos hoje, sua temática não envelheceu, porque toca em sentimentos que são inerentes a nós, seres humanos – como tristeza, amor, medo da morte, solidão, alegria, raiva, paixão, desencanto, insatisfação. Sentimentos capazes de nos levar a lutar contra as injustiças, a ter empatia e solidariedade para com o próximo.

Infelizmente, para grande parte dos jovens do nosso país, o único lugar em que podem se encontrar com os livros é na escola, situação que ocorre por vários motivos: baixa ou nenhuma escolarização dos pais, extrema desigualdade social, esvaziamento cultural, necessidade de trabalhar, e até a falta de interesse das famílias pelos livros. Por isso, é fundamental – e de grande responsabilidade – o trabalho do

professor/educador na elaboração de propostas que sejam capazes de motivar seus alunos para a leitura.

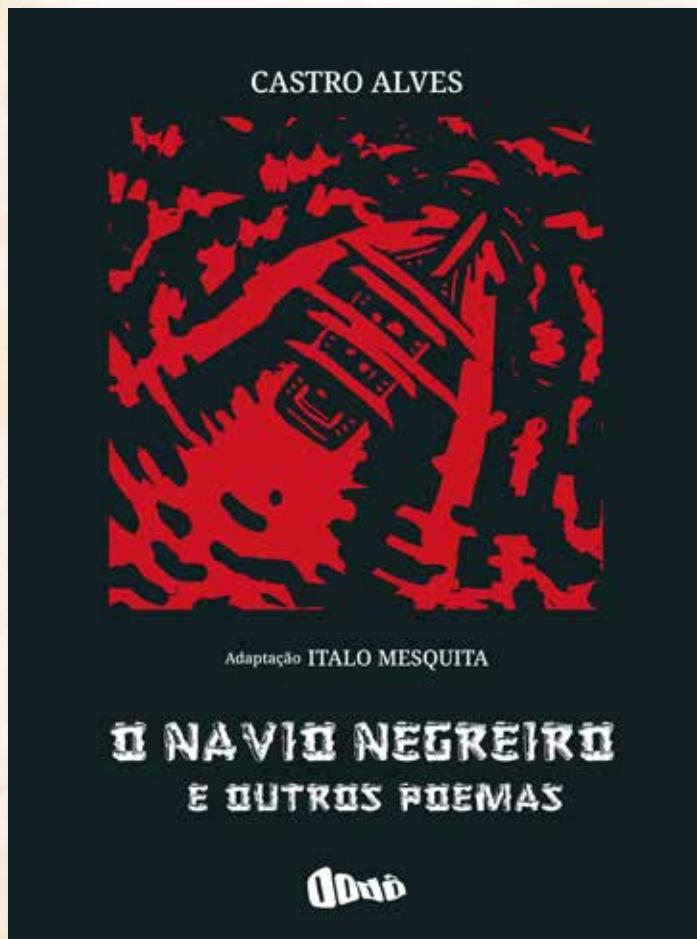
Acreditamos que esta coletânea, ao unir lirismo, denúncia e sensibilidade, constitui uma poderosa aliada na formação crítica dos leitores jovens e adultos, especialmente aqueles do 3º segmento da Educação de Jovens e Adultos, equivalente ao Ensino Médio. Os poemas aqui reunidos abordam de forma contundente as relações étnico-raciais, dando voz a experiências históricas marcadas pela violência, mas também pela resistência, pela memória e pela humanidade dos que foram escravizados.

Com suas imagens vívidas e linguagem pungente, Castro Alves convida o leitor a refletir sobre desigualdades que atravessam séculos e ainda repercutem em nossa sociedade. Trata-se de uma obra de grande força estética e ética, capaz de despertar reflexões sobre dignidade, justiça e empatia.

Que esta leitura possa estimular o diálogo, a escuta sensível e a construção de uma visão mais justa, crítica e consciente do mundo.

Bom trabalho!

2. A obra



Título da coletânea: *O navio negreiro e outros poemas*

Gênero literário: Poemas

Autor original: Antônio Frederico de Castro Alves

Contexto de produção: Século XIX, Brasil, período do Segundo Reinado, em meio às lutas abolicionistas

Poema central publicado originalmente em: 1869, no livro *Espumas flutuantes*

Organizador da coletânea: Italo Mesquita

Ano de lançamento da edição atual: 2025

Língua original: Português

2.1. O autor

Antônio Frederico de Castro Alves nasceu em 14 de março de 1847, em Curralinho, na Bahia. Filho do médico Antônio José Alves e de Clélia Brasília da Silva Castro, teve três irmãos e duas irmãs. Na infância, gostava de brincar de cabra-cega, esconde-esconde, pular carniça, rodar pião e ouvir as histórias contadas por sua babá. Em casa, era carinhosamente chamado de Cecéu.

Desde pequeno, Cecéu testemunhou a violência contra pessoas escravizadas. Em 1856, aos nove anos, viu pela primeira vez instrumentos de tortura usados em uma fazenda recém-comprada por seu pai. Essa lembrança o marcou profundamente e acendeu nele uma revolta precoce contra a escravidão.

Na escola, foi colega de Rui Barbosa e começou a escrever e recitar seus primeiros poemas. Estudou francês, inglês e latim, o que lhe permitiu conhecer e se inspirar em escritores estrangeiros, como Victor Hugo. Sua vocação para a literatura foi fortalecida ainda mais com essas leituras.

Após a morte da mãe, seu pai casou-se novamente com Maria Guimarães, viúva de um traficante de escravizados. Apesar do carinho da madrasta, Cecéu nunca aceitou o sistema escravista, o que demonstra sua firmeza de caráter e seu senso de justiça.

Já como Castro Alves, seguiu para o Recife, onde iniciou o curso de Direito, como era comum entre os jovens da época. Embora tenha interrompido os estudos várias vezes, concluiu o curso anos depois. Sua paixão pela poesia, no entanto, nunca foi deixada de lado. Teve uma vida intensa, marcada por encontros com nomes como José de Alencar e Machado de Assis, envolveu-se com o teatro, apaixonou-se pela atriz Eugênia Câmara e participou ativamente do movimento abolicionista.

Morreu muito jovem, aos 24 anos, após um acidente com uma espingarda que carregava durante uma caçada. O disparo involuntário atingiu seu pé, e, mesmo após a amputação sem anestesia — por conta da tuberculose que impedia o uso de clorofórmio —, não resistiu à infecção.

Apesar da breve vida, deixou um legado de coragem, sensibilidade e luta. Conhecido como o poeta dos escravos, Castro Alves usou a literatura como instrumento de denúncia e transformação social. Seus versos seguem vivos, inspirando novas gerações a refletirem sobre justiça, liberdade e humanidade.

2.2. O organizador

Italo Mesquita atua há mais de uma década na área da educação, com destaque para sua experiência no universo editorial. Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Ceará, é editor, redator, revisor e autor, com passagens por importantes instituições, como o Grupo Planeta, a SAS Plataforma de Educação e a Plural Gráfica.

Sua formação inclui pós-graduação em Gestão de Projetos e MBA em Editoração, áreas nas quais vem aprofundando sua atuação com foco em projetos literários e didáticos. Ao longo da carreira, participou da elaboração de materiais para o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e desenvolveu conteúdos com forte compromisso com a equidade, a valorização da literatura e a formação de leitores críticos.

Como adaptador desta edição de *O navio negreiro e outros poemas*, publicada pela Dodô Editorial, Italo preserva a força estética da obra de Castro Alves, ao mesmo tempo em que propõe uma leitura acessível e potente para o público da Educação de Jovens e Adultos.

2.3. A coletânea

Trata-se de uma coletânea de poesia composta por 22 poemas, todos selecionados por Italo Mesquita. As obras pertencem ao estilo de época conhecido como Romantismo, e seu autor, Castro Alves, é amplamente reconhecido como um dos maiores poetas desse movimento. Embora os poemas tenham sido publicados em datas diversas ao longo do século XIX, o mais famoso deles, “O navio negreiro”, foi publicado em 1869 e dá título à coletânea.

A inscrição desta obra se justifica por sua potência poética e temática no contexto escolar e comunitário, especialmente por sua capacidade de promover uma leitura crítica da história e das relações sociais no Brasil. A seleção dos poemas dialoga principalmente com a Categoria 3 – das Relações Étnico-Raciais, uma vez que revisitamos, por meio da literatura, a experiência da escravidão e seus impactos ainda visíveis na sociedade atual. Além disso, a obra também contribui para a reflexão sobre os Direitos Humanos, ao abordar a dignidade, a liberdade e a resistência das populações historicamente oprimidas.

A coletânea se mostra especialmente adequada ao trabalho com jovens e adultos, pois permite o reconhecimento de vivências compartilhadas e o fortalecimento da consciência histórica e social dos leitores. Sua leitura abre espaço para o debate sobre o racismo estrutural, a permanência de regimes de exploração semelhantes ao

trabalho escravo e as manifestações de preconceito ainda presentes nos espaços escolares e nas comunidades como um todo.

Poema vem do grego *poiēma* e significa “o que se faz”, criação, invenção, trabalho. Mas e poesia? Não é a mesma coisa? Quando usar um e outro? Ambas as palavras têm origem comum – *poiēsis*, em grego e em latim – e, por vezes, parecem intercambiáveis. Contudo, por tradição, costumamos dizer que a poesia é uma arte, um modo de ver o mundo, enquanto o poema é a forma concreta que essa arte assume.

A poesia é um gênero do discurso que se diferencia da prosa pela sua construção, ritmo e musicalidade – embora hoje essas fronteiras sejam mais flexíveis. Há poemas que se aproximam da prosa e prosas que são profundamente poéticas. Não se trata de erro, mas de evolução das linguagens literárias.

Podemos pensar, então, que a poesia é como uma caixa de onde o poeta retira seus poemas. Alguns são mais ou menos poéticos que outros, e essa avaliação é sempre subjetiva. O mais importante, neste caso, é reconhecer que Castro Alves, no século XIX, usou sua caixa de poesia para escrever versos que ainda hoje nos emocionam, provocam e fazem pensar.

2.4. Texto e contexto da obra

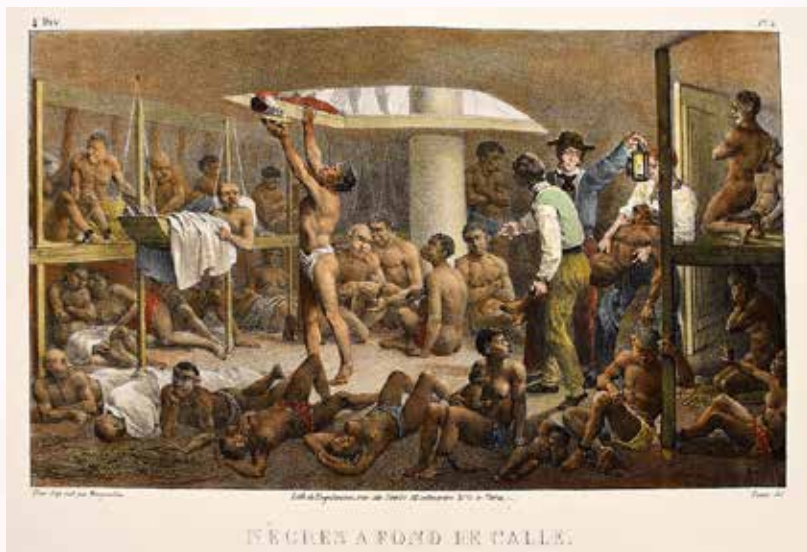
Nosso poeta começa a produzir seus poemas em um contexto de grande ebulição social e econômica no Brasil. Era o Segundo Reinado de Dom Pedro II, e as ideias republicanas e abolicionistas estavam em pauta. Junto com Rui Barbosa e outros intelectuais, Castro Alves fundou, em 1866, uma sociedade abolicionista. A escravidão foi oficialmente abolida apenas em 1888, com a assinatura da Lei Áurea — mas essa liberdade foi apenas formal. Os ex-escravizados não tiveram acesso à terra nem à educação, elementos fundamentais para uma verdadeira emancipação.

O primeiro poema conhecido de Castro Alves foi “A canção do africano”, publicado em 1863, no jornal *A Primavera*, quando o poeta tinha apenas 16 anos. Além de poeta, Castro Alves era um exímio declamador e fazia grande sucesso quando subia ao palco para recitar seus versos. “A canção do africano” trata da dor da escravidão, sentimento presente em grande parte de sua obra. O poema expressa o lamento de um africano sequestrado de sua terra, que vive a tristeza de não poder retornar. Sua mulher teme que o filho lhe seja arrancado dos braços, como tantas outras mães escravizadas viveram. É um poema profundamente tocante.

Como este livro tem por título *O navio negreiro e outros poemas*, vamos priorizar a análise do poema “O navio negreiro”, por ser um dos mais emblemáticos de Castro Alves. Durante a leitura, é fundamental contar com o apoio de um dicionário, pois muitos vocábulos pertencem ao século XIX, distantes do nosso uso atual. Também é recomendável utilizar livros de história sobre a escravidão, que contribuem para enriquecer a compreensão do texto.

Para compor esse poema, Castro Alves provavelmente se inspirou em outro também chamado “O navio negreiro”, escrito pelo alemão Heinrich Heine e publicado em 1854. Ambos tratam do sequestro de africanos transportados em embarcações conhecidas como navios negreiros — ou “tumbeiros”, nome dado por causa da enorme quantidade de mortes durante a travessia.

Publicado em 1869, o poema “O navio negreiro” é dividido em seis blocos e mescla diferentes ritmos de acordo com as situações descritas. O título completo é “O navio negreiro: tragédia no mar”, embora seja amplamente conhecido apenas pelo primeiro nome. A estrutura do poema conduz o leitor a uma imersão sensorial no ambiente do navio, começando com o verso “Stamos em pleno mar”, que se repete ao longo do texto. Inicialmente, o poeta descreve o céu, o oceano e a beleza da paisagem — elementos que contrastam com o horror vivido pelos africanos acorrentados no porão. É como se a natureza testemunhasse, impassível, toda a crueldade ali presente.



Negros no Fundo do Porão (1830), de Johann Moritz Rugendas.

A litografia retrata as condições desumanas nos porões dos navios negreiros, contexto que inspira o poema ‘O Navio Nегreiro’ de Castro Alves.

No início do poema, o eu lírico parece não saber o que o navio transporta. Ele descobre aos poucos e se choca com a realidade, comparando-a a um “sonho dantesco” — uma referência à *Divina Comédia*, de Dante Alighieri. Uma das imagens mais fortes do poema é a dos africanos sendo forçados a “dançar” no convés. Muitos leitores interpretam esse trecho como ironia, mas ele retrata uma prática real: os escravizados eram obrigados a se exercitar, mesmo acorrentados, para evitar que chegassem entredados ao destino. Essa imposição tinha como finalidade mantê-los em melhores condições de venda.

Cada navio negreiro transportava entre 400 e 700 pessoas, muito além de sua capacidade. Todos viajavam espremidos nos porões escuros, famintos, nus. A travessia da África até o Brasil durava cerca de dois meses. Muitos morriam no caminho e eram lançados ao mar. Alguns tiravam a própria vida como forma de resistência ao sofrimento. Outros eram jogados vivos como punição. Esses navios eram frequentemente seguidos por tubarões, atraídos pelos corpos lançados ao oceano.

É comum nos perguntarmos por que os africanos, sendo maioria a bordo, não tomavam o navio. Na verdade, houve centenas de tentativas de revolta — estima-se cerca de 600 —, mas apenas 26 foram bem-sucedidas. Isso porque os sequestrados já saíam de suas terras acorrentados e feridos, e os senhores de escravos andavam armados.

No poema, Castro Alves roga a Deus que intervenha diante de tanta crueldade. Ele compara as mulheres escravizadas a Agar, personagem bíblica expulsa para o deserto com seu filho Ismael. Há também referências à Batalha do Egito, às guerras napoleônicas e ao poeta grego Homero, demonstrando o quanto Castro Alves era um leitor atento e erudito.

Ao longo de toda a coletânea, por meio de imagens vívidas e uma linguagem intensa, o poeta dá voz aos oprimidos e exalta a luta por liberdade. Ele se coloca como porta-voz da justiça e da transformação. O tom é, ao mesmo tempo, de denúncia e de esperança: mesmo em meio à dor, há a possibilidade de mudança.

Mas nem todos os poemas da coletânea abordam diretamente a escravidão. Em “Ao romper d’alva”, por exemplo, Castro Alves celebra a beleza da natureza no amanhecer, pedindo a Deus que essa beleza não seja manchada pela injustiça humana. Em “O sol e o povo”, fala da força do povo, comparando-o ao sol, que renasce todos os dias. Já em “Tragédia no lar”, o poeta convida o leitor a conhecer a dor de uma mãe escravizada que não tem a chance de ver seu filho livre — um poema publicado postumamente. Em “A cruz na estrada”, a cruz

marca o túmulo de um escravo indigente, cuja morte representa a liberdade que não teve em vida.

Seria impossível não mencionar “Vozes d’África”, o último poema de Castro Alves, tão poderoso quanto “O navio negreiro”. Nele, o continente africano é retratado como Prometeu — o personagem da mitologia grega que sofre um castigo eterno. A África clama a Deus, questionando por que suas irmãs, Ásia e Europa, foram poupadas de tanto sofrimento. É um poema que utiliza o animismo para dar voz a um continente ferido, marcado pela dor e pela escravidão de seus filhos.

Os 22 poemas desta coletânea são fundamentais para compreender o que foi a escravidão no Brasil. Não temos a intenção de analisá-los todos aqui, até porque você, educador(a), poderá fazer isso com muito mais profundidade junto de seus leitores. O mais importante é que a leitura dos poemas seja feita com o auxílio de um dicionário, em rodas de conversa animadas e reflexivas, para que cada leitor possa dizer o que viu, sentiu e pensou sobre essas vozes que atravessam o tempo.

3. Ler nas escolas e bibliotecas

De acordo com Michèle Petit, antropóloga francesa e pesquisadora do *Centre National de la Recherche Scientifique*, a leitura literária pode tanto atuar como resistência à exclusão social quanto ajudar o sujeito a elaborar conflitos internos e dar sentido à sua história. Ela defende que a literatura tem papel reparador — simbólica, afetiva e socialmente.

No caso dos jovens e adultos leitores, esse papel ganha ainda mais força. A leitura amplia o repertório, fortalece a imaginação, favorece o autoconhecimento e estimula o pensamento crítico. Ela permite que cada um pense sobre si, sobre o outro e sobre o mundo em que vive, reconstruindo sentidos e possibilidades de ação.

Além do aspecto lúdico, que por si só já é um excelente ponto de partida, a literatura constitui uma poderosa ferramenta no processo educacional. Para isso, é essencial que espaços públicos e comunitários, como escolas e bibliotecas, sejam reconhecidos e valorizados como ambientes privilegiados de formação leitora.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece o valor estético e formativo da leitura literária. Em suas palavras:

“Como linguagem artisticamente organizada, a literatura enriquece nossa percepção e nossa visão de mundo. Mediante arranjos especiais das palavras, ela cria um universo que nos permite aumentar nossa capacidade de ver e sentir. Nesse sentido, a literatura possibilita uma ampliação da nossa visão do mundo, ajuda-nos não só a ver mais, mas a colocar em questão muito do que estamos vendo e vivenciando.”

Petit também destaca que a leitura em contextos de precariedade pode ser determinante para o fortalecimento da autonomia e da consciência crítica, permitindo que os sujeitos se tornem agentes de suas histórias. Para ela, bibliotecas públicas — especialmente em comunidades periféricas — são espaços que resistem às formas de violência simbólica e abrem caminhos para o imaginário, a expressão e a reconstrução social.

Nesse sentido, a literatura — em especial obras como *O navio negreiro* e *outros poemas* — permite ao leitor experimentar afetos e emoções que talvez jamais vivesse em sua própria trajetória. Sentir tristeza, raiva, empatia, vergonha, indignação ou coragem diante do que se lê também é uma forma de transformação. A experiência estética é, em si, um exercício de deslocamento e de encontro com outras realidades.

O filósofo Gilles Deleuze afirma que a arte é uma forma de pensamento. Ela organiza sensações e emoções em linguagem e propõe novas maneiras de ver e existir. Assim, a literatura, como arte da palavra, não apenas informa — ela forma, conecta e expande.

Ler *O navio negreiro e outros poemas* é uma experiência que nos coloca em contato com um passado doloroso e ainda presente, que marca a história do Brasil. Para o público da Educação de Jovens e Adultos – 3º segmento, equivalente ao Ensino Médio, essa leitura pode fortalecer o sentimento de pertencimento, promover reflexões sobre a história social do país e oferecer novas possibilidades de compreensão da própria trajetória.

Antônio Candido, em seu ensaio *O direito à literatura*, afirma que não há povo que possa viver sem o acesso à fabulação. Para ele, a literatura é um direito humano básico — e, por isso, deve estar presente nas escolas, nas bibliotecas, nas casas, nos encontros. Ler, no fundo, é um ato de liberdade.

3.1. Literatura e equidade: por que mediar é também transformar

Ao falarmos de equidade no contexto da educação e da leitura literária, é importante lembrar que ela vai além da igualdade. Enquanto a igualdade busca oferecer as mesmas condições a todos, a equidade reconhece as diferenças e atua para que cada pessoa tenha acesso real e justo às oportunidades — de acordo com suas necessidades, trajetórias e contextos.

Na mediação da obra *O navio negreiro e outros poemas*, pensar com equidade significa conhecer bem os estudantes ou leitores da EJA e adaptar as práticas para que todos participem plenamente da leitura. Isso pode envolver a preparação de ambientes acessíveis, o uso de tecnologias assistivas, o apoio de intérpretes ou leitores, e, principalmente, a escuta atenta e respeitosa das vivências de cada participante.

Como destacou Antônio Candido, a literatura é um direito humano. O contato com a ficção amplia a visão de mundo, permite que o leitor se reconheça — ou se confronte — com experiências diversas, e fortalece sua capacidade de imaginar, sentir e agir. Para os jovens e adultos do 3º segmento da EJA, a leitura de obras como esta pode ser uma oportunidade de reconstruir sentidos sobre sua própria história, sua identidade e sua presença no mundo.

É também papel da literatura refletir as múltiplas realidades humanas. Historicamente, os livros deram espaço a personagens e narrativas eurocentradas, brancas e elitizadas. Felizmente, esse cenário vem

mudando, com o surgimento e valorização de obras que representam outros sujeitos, outras vozes — como as dos povos africanos e afrodescendentes.

Nesse sentido, a leitura de Castro Alves, mesmo escrita no século XIX, permanece atual: ela denuncia uma violência estrutural que ainda ecoa na sociedade brasileira. E convida à reflexão crítica, à empatia e à transformação.

Promover o acesso à literatura é, portanto, promover equidade.

Mediar a leitura é abrir caminhos para o reconhecimento, a autonomia e a justiça.

4. Atividades e projetos a serem desenvolvidos nas escolas e bibliotecas

A leitura de *O navio negreiro e outros poemas*, de Castro Alves, permite uma série de abordagens pedagógicas sensíveis, críticas e criativas. Os poemas da obra favorecem a conexão entre literatura, história, direitos humanos e pertencimento identitário, ao mesmo tempo em que provocam reflexões éticas e emocionais. A obra também aborda, de forma poética e contundente, as marcas da escravidão e do racismo estrutural no Brasil.

Sua mediação em espaços educativos representa uma oportunidade de promover o reconhecimento da diversidade, o combate às injustiças históricas e o fortalecimento da identidade de diferentes leitores. No contexto da Educação de Jovens e Adultos – 3º Segmento, equivalente ao Ensino Médio, essa experiência literária pode contribuir para ampliar o repertório cultural, ético e crítico dos estudantes, despertando sentidos de pertencimento e agência.

Nesse sentido, cabe ao educador(a) mediador(a) instigar seus leitores por meio de leituras compartilhadas, discussões em grupo e múltiplas formas de expressão, incentivando-os a refletir, opinar, criar e se posicionar diante das experiências despertadas pelos poemas. Em consonância com as orientações da BNCC, a leitura crítica da obra pode ser trabalhada com foco no desenvolvimento da autonomia leitora, da capacidade de análise, da apreciação estética e da elaboração de sentidos éticos, históricos e políticos.

Este capítulo apresenta propostas de mediação literária que podem ser realizadas em sala de aula, em bibliotecas escolares ou comunitárias e em ações junto à comunidade. A ideia é que o(a) educador(a) mediador(a) possa adaptar as sugestões à realidade dos seus estudantes, incentivando o protagonismo, o diálogo e a construção coletiva do saber.

4.1. Rodas de conversa e consciência crítica

Objetivo: promover escuta sensível, troca de saberes e reflexão coletiva sobre escravidão, racismo estrutural e as potências da poesia como ferramenta de denúncia e memória.

Proposta de realização: Organize dois (ou mais) encontros com os alunos ou leitores da obra. As rodas podem acontecer em sala de aula, na biblioteca escolar ou em um espaço da comunidade.

Encontro 1: saberes prévios e percepções iniciais

- Leitura compartilhada de trechos selecionados dos poemas “O navio Negreiro”, “A canção do africano” ou “Vozes d’África”.
- Diálogo aberto: o que essas leituras despertam?

Perguntas norteadoras:

- O que você já sabia (ou achava que sabia) sobre a escravidão no Brasil?
- Como o tema da escravidão foi abordado em sua trajetória escolar até agora?
- Que sentimentos os poemas provocaram em você?
- Já presenciou situações de racismo ou exclusão? Como reagiu?
- Qual verso mais tocou você? Por quê?

Produção possível: registro individual ou coletivo das falas, por escrito ou em áudio/vídeo.

Encontro 2: escuta crítica e ressignificação

- Retomada da leitura da obra com outros trechos ou poemas.
- Comparação entre percepções anteriores e o que foi vivenciado com a leitura.

Perguntas norteadoras:

- O que mudou na sua visão sobre a escravidão após ler os poemas?
- De que forma a linguagem poética ajuda a contar essa história?
- O que a leitura fez você sentir, lembrar ou desejar compartilhar?
- Que conexão você enxerga entre os poemas e o Brasil de hoje?
- Você se reconheceu em algum trecho ou imagem do poema?

Produção possível:

- Texto-reflexão individual (livre ou guiado por perguntas);
- Mural de falas marcantes da turma;
- Gravação de depoimentos curtos.

Possibilidade de intervenção social:

- Convidar membros da comunidade (famílias, lideranças locais) para participar da roda de conversa em formato ampliado;

- Organizar uma exposição com os registros da roda e trechos dos poemas em locais de circulação (muro da escola, praça, biblioteca, redes sociais).

4.2. Interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento

Objetivo: articular a leitura da obra com outras áreas do conhecimento, aprofundando a compreensão da escravidão, da resistência negra e das permanências do racismo estrutural no Brasil contemporâneo.

Proposta de realização: Promova um projeto interdisciplinar com duração variável (semanal, mensal ou contínua), envolvendo professores e estudantes em múltiplas frentes de estudo e criação.

Disciplinas e possibilidades de abordagem

História:

- A escravidão no Brasil e nas Américas.
- O papel das revoltas, quilombos e lutas negras na resistência.
- A crítica ao 13 de maio: memória, silenciamento e reinterpretação.
- Abolicionismo e racismo pós-abolição.

Geografia:

- A diáspora africana e as rotas do tráfico negreiro.
- Distribuição desigual da população negra no Brasil urbano e rural.
- Desigualdade socioespacial e racismo ambiental.

Filosofia:

- O conceito de dignidade, liberdade e alteridade.
- Racismo estrutural e epistemicídio.
- Direitos humanos e justiça social.

Arte e Música:

- Representações da negritude na arte (pinturas, fotografias, escultura).
- Musicalização de poemas e criação de performances.
- Análise crítica de videocliques e músicas de protesto (ex.: Emicida, Luedji Luna, Racionais MC's).

Sugestão de perguntas orientadoras para as turmas:

- O que o poema “O navio Negreiro” nos ensina sobre o Brasil que aprendemos na escola?
- Por que o 13 de maio tem sido questionado por ativistas negros?
- Que vozes foram silenciadas nos livros didáticos?
- Como o racismo se manifesta nos lugares onde vivemos?
- Como a arte pode ser usada como forma de resistência?

Produções possíveis:

- Mural com imagens e versos de Castro Alves organizados em linha do tempo;
- Cartazes temáticos para debate sobre o 13 de maio e o 20 de novembro;
- Criação de mapas afetivos ou geográficos sobre trajetos da diáspora;
- Instalação artística ou exposição visual sobre “memória negra” na escola ou biblioteca.

Possibilidade de intervenção social:

- **Organizar uma “Semana da Consciência Negra”** na escola ou biblioteca, com apresentações, mesas de debate, exposições, rodas de leitura, exibição de filmes e sarau com a comunidade.

4.3. Produção artística e autoral

Objetivo: estimular a expressão criativa dos estudantes a partir da leitura da obra, utilizando diferentes linguagens artísticas como meio de interpretação, diálogo e recriação dos poemas.

Proposta de realização: Após a leitura de *O navio negreiro e outros poemas*, organize momentos em que os estudantes possam elaborar respostas criativas à obra, colocando em prática seu olhar crítico e afetivo por meio da arte.

Atividades sugeridas

Produção de resenhas críticas individuais ou em grupo, com foco:

- na análise textual dos poemas;
- no contexto histórico da escravidão e do racismo;
- na estética e força emocional dos versos.

Sugestão de perguntas orientadoras:

O que mais chamou sua atenção na leitura?

O que esse poema diz sobre o Brasil de ontem e de hoje?

Como o poeta usou a linguagem para emocionar e provocar?

Criação de expressões visuais:

- Pinturas, colagens ou ilustrações que representem imagens sugeridas pelos poemas (ex.: navios, correntes, cruzeiros, o mar, a dança forçada, o clamor à liberdade).
- Fotografias temáticas ou encenações em vídeo, inspiradas nos sentimentos ou símbolos da obra.
- Cartazes poéticos com versos e intervenções gráficas.

Composição de poemas autorais ou textos performáticos:

- Escrita de cordéis, raps, slams, paródias ou poemas inspirados nas estruturas, imagens ou temas de Castro Alves.
- Utilização de oralidade, ritmo e musicalidade como forma de ressignificar os poemas lidos.

Musicalização de trechos da obra:

- Proponha que os alunos escolham estrofes marcantes e criem melodias ou batidas para interpretá-las, como fez Caetano Veloso no álbum *Noites do Norte*.
- Podem ser usadas batidas de rap, samba, maracatu ou até trilhas sonoras instrumentais criadas com recursos acessíveis (voz, palmas, percussão corporal, aplicativos de música).

Possibilidade de intervenção social:

- Zines poéticos ou exposições temáticas;
- *Podcasts* com leitura comentada dos poemas;
- Vídeos curtos (reels, TikTok, YouTube) com performances poéticas;
- Apresentações em saraus, feiras literárias ou festivais escolares.

Produtos possíveis:

- Organize um sarau poético-cultural aberto à comunidade, com declamações, performances, música e exposição dos trabalhos artísticos.

- Divulgue os produtos em espaços escolares, bibliotecas públicas ou redes sociais institucionais, valorizando a produção dos estudantes como ato de resistência e expressão.

4.4. Escuta crítica a músicas contemporâneas

Objetivo: promover conexões entre a obra de Castro Alves e produções musicais contemporâneas que tratam do racismo, da violência policial e da luta por direitos, desenvolvendo a escuta crítica, a argumentação e o letramento literário-musical.

Proposta de realização: Realize uma ou mais sessões de escuta coletiva em sala de aula ou na biblioteca, com foco em músicas que dialogam simbolicamente com os poemas da coletânea. A ideia é que os estudantes possam analisar a letra, o ritmo, a emoção e a mensagem, estabelecendo relações com os textos literários.

Músicas sugeridas:

Produção de resenhas críticas

- “Todo camburão tem um pouco de navio negreiro” – O Rappa
 - Letra forte que conecta o passado escravocrata à repressão policial no presente.
 - Permite debates sobre racismo estrutural e violência institucional.
- “Haiti” – Caetano Veloso e Gilberto Gil
 - Repleta de camadas poéticas e políticas.
 - Aborda desigualdade, genocídio da população negra e abandono estatal.

Criação de expressões visuais

- Pinturas, colagens ou ilustrações que representem imagens sugeridas pelos poemas (ex.: navios, correntes, cruzeiros, o mar, a dança forçada, o clamor à liberdade).

Etapas sugeridas:

1. Escuta atenta e livre das músicas (sem letra projetada).

- Solicite que os alunos apenas ouçam e anotem palavras que chamaram atenção.

2. Leitura da letra e segunda escuta.

- Projete ou distribua cópias da letra.

- Peça para sublinharem trechos que considerem mais fortes ou poéticos.

3. Comparação com trechos da obra de Castro Alves.

- Escolha poemas como “O navio Negreiro”, “Vozes d’África” ou “Tragédia no lar” para estabelecer paralelos.

Perguntas norteadoras para discussão:

- Quais emoções essa música provoca em você?
- Que imagens ela te lembra dos poemas lidos?
- Em que momentos a música e a poesia dizem coisas parecidas?
- Em que se diferenciam?
- Você acha que o poema de Castro Alves poderia ser uma canção?
- Como a música de hoje fala sobre o Brasil do passado? E sobre o Brasil de agora?

Produções possíveis:

- **Texto argumentativo:** “O que ainda há de navio negreiro no Brasil de hoje?”;
- **Resenha crítica comparativa** entre uma música e um poema da coletânea;
- **Apresentação oral ou *podcast*** com análise colaborativa;
- **Ilustrações ou colagens** que representem os dois textos (poema e música) em justaposição.

Possibilidade de intervenção social:

- **Organize uma aula pública ou roda de conversa musical**, convidando músicos, rappers ou MCs da comunidade para dialogar com os alunos sobre arte, resistência e identidade.
- **Monte uma playlist colaborativa** com músicas que os próprios alunos indicarem, ampliando o repertório e o protagonismo na mediação.

4.5. Filmes e documentários como recurso de aprofundamento

Objetivo: ampliar a compreensão crítica dos temas abordados nos poemas por meio da análise de produções audiovisuais contemporâneas que abordam escravidão, racismo, violência institucional e memória histórica.

Proposta de realização: Propor sessões de cinema com curadoria te-

mática que dialogue com os poemas da obra *O Navio negreiro e outros poemas*. Os filmes e documentários selecionados devem servir como disparadores de reflexão e produção, favorecendo o letramento audiovisual e histórico.

Obras sugeridas:

- *Branco sai, preto fica* (2014), de Adirley Queirós

Mistura ficção científica e realidade para denunciar a violência policial e o racismo na periferia.

- *Meninos 23* (2016), de Belisario Franca (a partir da pesquisa de Sidney Aguilar)

Documentário sobre jovens negros retirados de uma instituição e levados para trabalho escravo em uma fazenda ligada ao nazismo no Brasil.

- *Django Livre* (2012), de Quentin Tarantino

Filme de ação que reconta a história de um ex-escravizado em busca de sua esposa, refletindo sobre resistência, brutalidade e justiça.

Etapas sugeridas:

1. Preparação para a exibição.

- Apresente o contexto do filme/documentário.
- Relacione o tema com os poemas da obra que serão retomados depois da sessão.

2. Exibição do filme.

- Forneça uma folha de anotações reflexivas com perguntas-guia.

3. Discussão e comparação com a obra literária.

- Realize um debate coletivo ou atividade em grupos.

Perguntas norteadoras:

- Que imagens ou cenas mais te impactaram?
- Qual personagem ou situação te lembrou os poemas de Castro Alves?
- Quais semelhanças você percebe entre o filme e os poemas em relação à dor, resistência e denúncia?
- Como o cinema e a poesia representam de forma diferente — ou semelhante — o sofrimento e a injustiça?

- Que conexões você faz entre o conteúdo do filme e o Brasil atual?

Produções possíveis:

- Texto comparativo entre um poema e um filme/documentário;
- Apresentação oral em grupo sobre as relações entre linguagem poética e cinematográfica;
- Mapa visual ou linha do tempo temática, reunindo imagens, versos e cenas impactantes;
- Criação de mini vídeos ou *podcasts* com análises críticas gravadas pelos alunos.

Possibilidade de intervenção social:

- Criar um cineclube temático, com exhibições abertas à comunidade escolar ou ao bairro.
- Organizar um evento de “cinema e poesia” com exibição do filme, declamação de poemas e bate-papo coletivo.
- Produzir cartazes ou folhetos reflexivos com frases dos alunos sobre os filmes e os poemas, para exposição na escola ou na biblioteca.

4.6. Projeto de documentário comunitário

Objetivo: promover o reconhecimento da história local e das experiências vividas ou herdadas pela comunidade em relação à escravidão, ao racismo e à resistência, por meio da produção de um documentário colaborativo, conectando poesia, memória e identidade.

Proposta de realização: A partir da leitura dos poemas de *O Navio negreiro e outros poemas*, incentive os estudantes a ouvirem e registrem histórias reais — de familiares, vizinhos, lideranças locais ou conhecidos — que dialoguem com os temas da coletânea: dor, superação, desigualdade, orgulho, ancestralidade ou luta por direitos.

Etapas sugeridas:

1. Preparação de projeto.

- Leitura e discussão de trechos dos poemas que abordam a dor da escravidão e a voz do oprimido (ex.: “O navio Negreiro”, “Vozes d’África”, “Tragédia no lar”).
- Reflexão sobre a atualidade dessas questões nas vidas dos alunos e suas famílias.

2. Planejamento do documentário.

- Definir tema central: “O que ainda resta da escravidão?”, “Racismo na minha comunidade”, “Histórias de resistência”, “Memórias negras da minha família”.
- Organizar a turma em pequenos grupos para desenvolver roteiros de entrevistas.

3. Coleta de depoimentos.

- Entrevistas gravadas com pais, avós, professores, lideranças locais, moradores antigos etc.
- Caso não haja recursos para gravação, os relatos podem ser registrados por escrito ou em áudios simples (com celular, por exemplo).

4. Edição e apresentação.

- Compilar os trechos mais significativos, intercalando com declamações dos poemas ou narrações feitas pelos próprios alunos.
- Apresentar o documentário em sala, na escola, em evento cultural ou nas redes sociais da instituição.

Perguntas norteadoras para as entrevistas:

- Algum antepassado da sua família foi escravizado ou trabalhou em condições muito precárias?
- Você já presenciou ou sofreu racismo? Como foi?
- Como a sua história (ou da sua família) se relaciona com o que foi contado nos poemas?
- O que mudou na sociedade desde então? O que ainda precisa mudar?
- Qual mensagem você gostaria de deixar para as futuras gerações?

Produções possíveis:

- Documentário em vídeo (com celular, câmera ou aplicativo simples);
- Painel com fotos e trechos dos depoimentos colados junto a versos da obra;
- *Podcast* ou áudio-documentário para compartilhar em redes comunitárias ou rádio local.

Possibilidade de intervenção social:

- **Realização de uma mostra cultural comunitária**, com exibição do documentário e roda de conversa com os entrevistados e alunos.

- **Publicação do conteúdo em *blog*, *site* da escola ou redes sociais**, promovendo diálogo entre gerações e visibilidade para vozes locais.
- **Criação de um mural da memória**, com fotografias, versos e falas marcantes, fixado em local público.

5. Projetos integradores: leitura, criação e transformação

Este capítulo apresenta três projetos que podem ser desenvolvidos com os estudantes e a comunidade escolar a partir da leitura de Navio negro e outros poemas, de Castro Alves. São propostas de mediação ampliada que buscam transformar a experiência literária em ação educativa, cultural e social.

Cada projeto foi pensado para ser flexível e adaptável à realidade da escola ou da biblioteca, incentivando o protagonismo dos leitores jovens e adultos, a valorização da história e da memória afro-brasileira e a criação de espaços de escuta, expressão e partilha.

Projeto 1 – Sarau cultural: Vozes que ecoam o passado e o presente

Objetivo: celebrar a leitura da obra por meio de uma mostra artística aberta à escola e à comunidade, dando voz às expressões individuais e coletivas inspiradas nos poemas de Castro Alves.

Etapas sugeridas:

1. Organização de apresentações artísticas pelos estudantes.

- Leituras e declamações dos poemas da obra;
- Cordéis, raps ou slams autorais;
- Exposição de desenhos, pinturas ou colagens;
- Dramatizações breves inspiradas nos poemas;
- Música ao vivo com adaptação de trechos poéticos.

2. Envolvimento da comunidade.

- Convidar familiares, moradores e agentes culturais da região;
- Possibilidade de organização em biblioteca, praça pública ou espaço escolar.

3. Sugestão opcional.

- Avaliar a viabilidade de propor que cada participante leve um prato de **comida de origem africana**, promovendo uma celebração afetiva e ancestral. Importante verificar com a turma a adequação cultural, financeira e logística dessa ideia, respeitando diferentes contextos.

Produções possíveis:

- Gravação do sarau para redes sociais da escola;
- Mural coletivo com imagens, versos e falas marcantes do evento.

Projeto 2 – Seminário comunitário: A herança da escravidão e seus reflexos hoje

Objetivo: estimular os estudantes a se tornarem multiplicadores do conhecimento construído, por meio da elaboração e apresentação de seminários abertos sobre a escravidão e suas consequências contemporâneas.

Etapas sugeridas:

1. Formação de grupos temáticos entre os alunos.

- Racismo estrutural e cotidiano;
- Escravidão e legislação brasileira;
- Vozes negras da literatura e da história;
- Conquistas e lutas dos movimentos negros no século XXI.

2. Apoio do(a) educador(a) para estruturar a apresentação.

- Pesquisa orientada;
- Releitura dos poemas;
- Uso de vídeos, entrevistas e dados.

3. Convidar familiares, colegas de outras turmas e membros da comunidade para participar como ouvintes.

Produtos finais possíveis:

- Slides, cartazes, vídeos ou áudios das apresentações;
- Compilação das pesquisas e reflexões em um “livreto” da turma.

Projeto 3 – Cineclube literário: Imagens que denunciam, palavras que resistem

Objetivo: articular a leitura da obra de Castro Alves com a exibição e discussão de curtas-metragens e documentários que abordam racismo, identidade e negritude no Brasil.

Etapas sugeridas:

1. Realização de uma ou mais sessões de cinema seguidas de debate.

2. Discussão guiada com base nos filmes sugeridos.

- *Dudu e o lápis cor de pele*, de Manoel Rodrigues e Cleber Marques

https://www.youtube.com/watch?v=-VGpB_8b77U

- *Meu cabelo é resistência*, de Gabriel Felipe

https://www.youtube.com/watch?v=_ParY7-Fzgg

- *Como é ser negro no Brasil?*, de Lucas Peçanha e Giovanna Nascimento.

<https://www.youtube.com/watch?v=Q2lOI8SjL3g>

3. Comparar com os poemas da obra para discutir permanências e rupturas.

Perguntas orientadoras para os debates:

- O que há em comum entre os filmes e os poemas?
- Que formas diferentes de resistência aparecem em cada obra?
- Como esses materiais ajudam a entender o racismo hoje?
- O que cada um pode fazer para combater essas injustiças?

Produtos finais possíveis:

- Produção de vídeos-resposta ou cartas reflexivas;
- Organização de uma mostra audiovisual com exibição pública na escola ou biblioteca.

6. Referências bibliográficas e Indicações comentadas

Para ampliar o repertório do trabalho de mediação da obra *O Navio negreiro e outros poemas*, de Castro Alves, indicamos a seguir uma seleção de materiais que dialogam com os temas da coletânea: escravidão, racismo estrutural, resistência negra, identidade e memória.

6.1. Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: Educação de Jovens e Adultos (EJA) – Etapa Ensino Fundamental – Anos Finais (EFAF).

Disponível em: <https://www.gov.br/mec>. **Acesso em:** 03 mar. 2025.

Documento que orienta as práticas pedagógicas da EJA, com foco na formação integral de jovens e adultos e no fortalecimento de sua trajetória educacional, cidadã e profissional.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 03 mar. 2025.

Marco normativo que define as competências e habilidades essenciais da Educação Básica brasileira. Fundamenta o trabalho com literatura, letramento e formação crítica nas diferentes etapas escolares.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: Vários Escritos. São Paulo: Duas Cidades, 2004

Ensaio clássico que defende a literatura como um direito humano fundamental, necessário à formação da sensibilidade, da ética e da imaginação social.

Petit, Michèle. A arte de ler ou como resistir à adversidade. São Paulo: Editora 34, 2009.

Uma obra essencial para educadores mediadores. A autora analisa como a leitura atua como forma de resistência simbólica e emocional, especialmente em contextos de vulnerabilidade social.

Rediker, Marcus. O navio negreiro: uma história humana. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Pesquisa de mais de 30 anos sobre o tráfico transatlântico e a vida a bordo dos tumbeiros. Um excelente apoio para aprofundar o tema do poema “O navio negreiro”.

Costa e Silva, Alberto da. Castro Alves: um poeta sempre jovem. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Biografia sensível e histórica sobre Castro Alves, abordando sua trajetória, sua luta abolicionista e sua relevância literária.

6.2. Podcasts e vídeos curtos

Podcast “História Preta” – episódio “O tráfico negreiro”

Disponível nas principais plataformas de áudio. Traz um panorama acessível e contextualizado sobre o sistema escravista e suas consequências.

Dudu e o lápis cor de pele, de Manoel Rodrigues e Cleber Marques

Disponível no YouTube. História comovente sobre cor e identidade, útil para provocar reflexões iniciais com os estudantes.

Meu cabelo é resistência, de Gabriel Felipe

Disponível no YouTube. Poema visual sobre identidade negra e orgulho racial.

Como é ser negro no Brasil, de Lucas Peçanha

Disponível no YouTube. Vídeo documental com depoimentos sobre racismo, resistência e vivências negras no Brasil contemporâneo.

6.3. Músicas e interpretações

“Todo camburão tem um pouco de navio negreiro” – O Rappa

Música que atualiza a metáfora do navio como instrumento de repressão. Excelente para atividades comparativas com os poemas da coletânea.

“Haiti” – Caetano Veloso e Gilberto Gil

Letra densa e poética que conecta racismo, desigualdade e identidade negra.

Álbum “Noites do Norte”, de Caetano Veloso

Inclui leitura e musicalização de trechos do poema “O navio negreiro”. Uma excelente proposta para atividades de declamação, musicalização e interpretação.

6.4. Filmes e documentários

Branco sai, preto fica (2014), de Adirley Queirós

Ficção científica brasileira que denuncia o racismo e a violência institucional na periferia.

Meninos 23 (2016), de Belisario Franca

Documentário baseado na pesquisa do historiador Sidney Aguilar, que revela um caso real de trabalho escravo moderno com jovens negros em uma fazenda com vínculos com o nazismo.

Django Livre (2012), de Quentin Tarantino

Releitura da escravidão no formato de faroeste. Estimula debates críticos sobre justiça, violência e libertação.

6.5. Livros

Pequeno manual antirracista - Djamila Ribeiro (Companhia das Letras)

Neste guia acessível e direto, a filósofa Djamila Ribeiro propõe reflexões sobre racismo estrutural, branquitude, privilégios e desigualdade social. A obra se tornou referência na educação antirracista, com linguagem clara e provocadora.

O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado - Abdias do Nascimento (Perspectiva)

Clássico de Abdias do Nascimento que denuncia o racismo estrutural e a falsa ideia de democracia racial no Brasil. A obra analisa as múltiplas formas de exclusão e violência contra a população negra.

6.6. Sites e redes recomendadas

Acervo Cultne – www.cultne.tv

Maior acervo audiovisual da cultura negra da América Latina. Reúne entrevistas, documentários, registros de eventos e materiais educativos.

UNESCO – História Geral da África – <https://hgaunesco.com.br>

Publicações organizadas por historiadores africanos e afrodescendentes. Excelente material para formar uma base sólida de educação antirracista nas escolas.